

HOJE
É
DIA DE
ROCK

Texto de José Vicente

PERSONAGENS

PEDRO

ADÉLIA

ISABEL

QUINCAS

NEUSINHA

ÍNDIA

VALENTE

ROSÁRIO

DAVI

SEU GUILHERME

DONA EFIGÊNIA

TECO

PRIMEIRO MOVIMENTO

ERA UMA VEZ...

Para ser projetado em gótico de livro infantil velho.

Era uma vez um Maestro de Banda – Pedro -, que morava com sua mulher – Adélia -, mais cinco filhos, num lugar chamado Minas. Ele aprendeu teoria musical por conta própria, através do “Método Giannini”, o único, até então, conhecido... Tudo isso já faz muito tempo e nem se sabe se Minas ainda existe. Um dia, Pedro ouviu uma música tão extraordinária, que para escrevê-la, seria preciso inventar uma clave diferente das do “Método Giannini”, tarefa a qual, ele dedicou sua vida, como se verá... **(As luzes iluminam as partituras, a clarineta, o cavalete, a cadeira.)**

PEDRO – Vem que eu te espero... Vem, vem meu amor... Eu espero teu rosto, espero tua voz. Vem que eu espero tua linguagem, tua palavra que eu chamei de Minas. **(Adélia – sua figura colorida – acena distante, com uma sombrinha cor de rosa.)** Vem... **(Adélia acena.)** Adélia! **(A voz de Isabel canta Viajante, Viajante.)** Adélia! **(Adélia continua acenando.)** É ela que não está me ouvindo ou minha voz que não existe mais? **(Adélia some. Pedro solfeja a música que Isabel canta. A música é solfejada por ele e cantada por ela, do começo ao fim. Silêncio.)** Mas eu ouvi! Tenho certeza que eu ouvi. E até agora – mesmo neste minuto -, eu posso descrever como foi.

Foi assim: **(a voz de Isabel volta a cantar a música.)** eu escutei a música uma vez. Só uma vez. Inteira. Nessa época, eles moravam na beira duma estrada e tinham uma venda, por onde passava uma jardineira, de semana em semana, levando, não se sabe para onde, uma gente magra, suja de uma terra vermelha, e que estava indo se embora. Adélia, que era quem cuidava dos negócios, olhava do balcão da venda esses retirantes silenciosos e jurava que um dia ia vender tudo: até os alqueires de terra, onde só existiam pedras, e que ia juntar a mudança e os filhos e seguir pela estrada com eles, até um lugar onde tivesse futuro.

PRIMEIRA VISÃO DE PEDRO – Narrada

PEDRO – Eu fazia fogos de artifício nas festas da cidade. O nome da cidade era Ventania e era numas montanhas de Minas, numas montanhas de pedras brancas. Só tinha pedras. Eu fazia castelos, rodas de fogo, foguetes. Eles me chamavam de Pedro Fogueteiro. Eu demorava um dia – de casa até Ventania. Eu ia a pé, carregando meus castelos. Um dia, quando o sol ainda estava para nascer, no fim da madrugada é que eu estava subindo a primeira montanha – o nome da montanha era Penteado. Então, eu ouvi um coro cantando. Era um coro e era um som que eu nunca tinha ouvido em toda a minha vida outro parecido, que eu não sabia se... se eram eles que tinham chegado, os estrangeiros... Era um som de metal. Um coro de metal. Sem ritmo, como se fosse uma máquina invisível. Então,

eu olhei de lado, na estrada, e vi uma plantação de arroz, de um amarelo esverdeado, um brilho de ouro, e parecia que os estrangeiros cantavam lá de dentro, escondidos. Foi aí que eu vi uma mulher, uma índia, com a cara pintada de ouro, um vestido de cetim roxo, e ela estava com ramos de arroz no braço. Então eu percebi que a música nascia dela. Em coro. Como se tivesse um instrumento. E ela cantou até o sol nascer. Quando o sol nasceu, ficou tudo em silêncio e ela foi-se embora. Quincas, o filho mais velho, tinha se casado com a prima Neuzinha, descendente de ciganos, e os dois já tinham ido embora de Minas para a cidade. Então, Adélia vendeu tudo pro primeiro comprador que apareceu, escreveu uma carta para Quincas e a jardineira levou a carta. Na carta, ela dava autorização para alugar uma casa na cidade, que eles estavam indo de mudança.

A MUDANÇA

Adélia está de camisola para dormir. Uma camisola de cetim. Pedro toca flauta.

ADÉLIA – Amanhã o caminhão vem e carrega a mudança.

PEDRO – Vocês vão: eu fico.

ADÉLIA – Fica onde? Não tem mais um palmo de terra, homem. **(Silêncio.)** Chegou a hora de ir embora. Nós botamos cinco filhos no mundo e agora tem que sair futuro para eles.

PEDRO – Eu estou quase... estou chegando... Já escuto as notas dentro de minha cabeça...

ADÉLIA – Você está é ficando lelé da cuca, isso sim! E você vai levar os meninos e até eu – se eu não tomar cuidado -, até eu acabo ficando maluca com essa tua mania de música.

PEDRO – Se eu sair daqui eu perco minhas notas...

ADÉLIA – A gente não come notas, Pedro!

PEDRO – Então faz assim: vocês vão na frente, depois eu vou. Os meninos precisam aprender, eu não.

ADÉLIA – Não vamos para aprender. Vamos para viver.

PEDRO – Viver, para mim, é aqui.

ADÉLIA – Estou cansada de ser realista sozinha! Se você não vai, então ninguém vai! Você vai ficar tocando essas músicas que só existem dentro da tua cabeça e nós vamos ficar te ouvindo. Nós todos, até o mundo virar pedra! Pode começar a tocar. **(Silêncio.)** Cadê a música? Anda, cadê? Toca! **(Pausa.)** Minas morreu. Acabou. Nem mar não tinha. Nós é que estamos vivos!

PEDRO – E nós vamos fazer o quê, fora daqui?

ADÉLIA – Viver como gente vive.

PEDRO – Quer dizer que acabou mesmo? **(Pausa.)** Quer dizer que Minas acabou? **(Pausa.)** Quer dizer que amanhã a gente vai se embora e nunca mais volta?

ADÉLIA – Não temos mais nem um palmo de terra. O que tem, é a estrada.

PEDRO – E a minha clave? Eu não vou terminar a minha clave? Como é que eu posso sair daqui sem concluir a minha clave? **(Pausa.)**

ADÉLIA – Minas morreu. Acabou. Tem os cinco. Tem a estrada. O que tem, é a estrada! **(Pedro perde a memória.)**

ÍNDIA – Pra que teu ouvido não escute. Teu olho não veja. Tua boca não fale. Teu nariz não cheire. Tua mão não apalpe mais, Minas vai virar lenda. E não vai ter nem dor... Nem lembrança mais... Até que apague esse tempo. E um novo tempo venha. **(Ele sopra os óculos, as partituras, depois a clarineta e não há nenhum som, mas poeira. Da poeira, a voz de Isabel cantando Viajante, Viajante.)**

PEDRO – O nome da cidade era Fronteira, e ficava entre Minas e o lado de fora. Tinha uma igreja com pároco. Tinha uma praça com jardins. Tinha um cinema onde passava filme da Metro, com cartaz na porta. E tinha um rio.

O IMPERADOR ASTECA

ISABEL (Cantando) – “Viajante, viajante / Onde é que você vem? / Viajante, viajante / Aonde é que você vai? / Viajante, viajante / Leva eu pra viajar...” **(Isabel pinta os lábios com amora, e Valente penteia os cabelos dela.)**

VALENTE – Tem um rio que entra dentro da cidade, e os meninos tomam banho lá. Teve até um menino que passou

dentro numa canoa, e me convidou para encontrar com ele de noite, atrás da igreja.

ISABEL – Mas é pecado: fique sabendo.

VALENTE – Pecado mortal ou venial?

ISABEL – Pecado mortal a gente vai direto pro inferno... Sem passar pelo purgatório.

VALENTE – Bobagem. Invenção. Não acredito numa vírgula.

ISABEL – Então, sorte a tua...

VALENTE – É: sorte a minha... **(Ela se levanta.)** E tem gente pobre, que nem parece gente... Jogam cocô dentro do rio, depois vão lá, e tomam banho e lavam a roupa.

ISABEL – Vou sair. Vou à praça, vou arranjar namorado, me casar e fim.

VALENTE – Você me acha caipira?

ISABEL – Eu sou caipira e não ligo à mínima.

VALENTE – Eu detesto gente caipira. Caipirismo é uma coisa que eu detesto.

ISABEL – E o que é que você pensa que nós somos? Nós somos índios. Quem nasceu no meio de pedra e mato é índio. É isso que nós somos: índios!

VALENTE – Mas eu era um Imperador Asteca!

ROSÁRIO

ROSÁRIO – Sabe o quê eu gostava de Minas, papai? De ir à Procissão de “Corpus Christi”. Lembra da Procissão de “Corpus Christi”, que as pessoas colocavam toalhas do lado de fora da janela, enfeitavam a rua com folhas, e a gente ia andando em cima delas... Eram folhas ou era flor, papai?

PEDRO – Folha.

ROSÁRIO – Mas tinha flor também, não tinha? (**Longo silêncio entre os dois. Ele solfeja uma música na clarineta.**) A mamãe foi à igreja falar com o Padre, pro senhor tocar na banda e fazer foguete, aqui também.

PEDRO – Busca um copo d’água pra mim, busca? (**Rosário sai, apalpando as coisas. Ele continua tocando a clarineta. Depois se levanta, e encena como se fosse um Maestro de Banda de interior, dirigindo uma marcha: a música que Isabel canta. Rosário volta com o copo d’água.**)

ROSÁRIO – Papai: mamãe me mandou tomar conta do Oratório. Onde é que eu guardo?

PEDRO – Eu também não sei.

ROSÁRIO – A vela tá acesa, papai?

PEDRO – Apagada.

ROSÁRIO – Mamãe disse que tinha que ficar acesa.

PEDRO – Então acende. (**Enquanto Rosário acende a vela do Oratório.**) Sabe que eu esqueci completamente a minha clave? Eu já tinha achado até o nome. Ia se chamar “A Clave de Cinco Notas”. Também, não fazia sentido. Mas tinha um momento que era claro. Eu relacionava com vocês cinco, depois relacionava com os cinco sentidos, depois eu contava com o número de letras de Minas, e davam cinco. Depois, não fazia sentido, de novo. Daí, também eu me perguntei pra quê, pra quê? Pra quê? Bobagem! Ou não? Mas não era nem para mostrar. No fundo, no fundo, não era nem para mostrar. Ou era? Então, pra quê? Ainda bem que eu esqueci. Esqueci completamente. É como se as notas tivessem pousado aqui, as cinco, na clarineta, e de repente... tivessem voado...

DAVI VAI PARA O SEMINÁRIO

A família está reunida.

ADÉLIA – A banda já tem Maestro. Mas você pode tocar como músico. É no “Método Giannini” mesmo.

PEDRO – E quando começa?

ADÉLIA – Quando você quiser.

PEDRO – E toca toda a semana?

ADÉLIA – Aos domingos, na praça, nas festas, nas procissões... essas coisas.

PEDRO – Então eu tenho que trocar a palheta da clarineta, porque a que eu tinha, trincou.

ADÉLIA – Só que não pagam nada.

PEDRO – Então, como é que faz?

ADÉLIA – Fogos, eles pagam.

PEDRO – Então, eu faço os fogos.

ADÉLIA – E tem os ensaios.

PEDRO – E ensaia quantas vezes por semana?

ADÉLIA – Também, não perguntei tudo. Tem que falar com o Seu Guilherme, que cuida disso. **(Pausa.)** O Davi vai pro Seminário.

ISABEL – O Davi vai pro Seminário!

NEUSINHA – Mas vai como?

ADÉLIA – Uma zeladora arrumou para ele ir, através da “Ordem das Vocações Sacerdotais”. Eles dão enxoval, pagam os estudos, dão até a batina. Contanto que o menino dedique a vida a Deus.

PEDRO – Então, quem decide, não é nem você e nem a “Ordem das Vocações”. Quem decide é ele.

ISABEL – É preciso ter vocação, mãe.

ADÉLIA – Isso ele descobre depois.

ISABEL – A senhora ficou louca, mãe?

ADÉLIA – Lá ele estuda, aprende. E, se não tem vocação, sai preparado.

ISABEL – Coitado, mãe... ele não quer ir... **(Eles olham para Davi.)**.

ADÉLIA – Mas você não disse, lá na Sacristia, que tinha vocação, Davi? Então, por que disse?

DAVI – Mas lá na igreja eu queria...

ADÉLIA – E lá na igreja queria e aqui, agora, não quer mais?

DAVI – Lá na igreja era por causa do incenso, dos paramentos, do altar de mármore... Por causa do coro cantando, por causa do turíbulo. Lá na igreja, eu queria. Depois, na rua, eu já não queria. Depois, eu queria de novo, porque eu pensei: se eu for padre não posso me casar. E, se eu não me casar, eu não posso ter filhos.

QUINCAS – Padre não casa, ô porra! Se for padre é padre!

DAVI – Então, como é que eu faço?

NEUSINHA – Esse menino, também, não sabe o que quer!

ADÉLIA – Então, faça-me o favor de não dizer pra ninguém lá no Seminário, está entendendo? Faça-me o favor de não dizer pra ninguém, lá, que você tem vocação e ao mesmo tempo quer ter filhos, porque eles não estão preparados pra entender esse tipo de raciocínio!

NEUSINHA

Neusinha retira um vestido de cigana das coisas perdidas entre a mudança, e se veste com ele. Quincas joga cartas.

NEUSINHA – Eu fazia o papel duma cigana.

QUINCAS – Vai contar essa estória pra outro, irmãzinha!

NEUSINHA – Você não acredita? Eu fazia o papel duma cigana. E eu entrei tanto dentro da personagem, que o sangue mudou. Adquiri alma de cigana. Por isso, eu não sei ficar parada, muito tempo, no mesmo lugar. Me dá aflição.

QUINCAS – Calma, irmãzinha, calma...

NEUSINHA – Ficar nessa calma, também não dá. Já tive uma idéia pra colocar todo o mundo. Eu sei de um bar, numa rua asfaltada, perto de um posto de gasolina Shell. É um sonho!

QUINCAS – E daí?

NEUSINHA – E daí que a gente junta todo o dinheiro que deu na venda das terras, e compra o boteco.

QUINCAS – E o boteco está à venda?

NEUSINHA – Vai-se lá, e faz-se a oferta, porra!

QUINCAS – Calma irmãzinha... Senta aqui no meu colo, senta! **(Ela senta no colo dele.)** Então, você virou cigana, irmã?

NEUSINHA – O mundo tem cinco continentes... Cinco! E eu não vou morrer sem ter conhecido os cinco... **(Ele fica em silêncio.)** Não pensa muito em dinheiro, irmão.

QUINCAS – Eu não estou pensando em dinheiro.

NEUSINHA – Eu sei quando você está pensando em dinheiro.

QUINCAS – Olha que você não sabe!

NEUSINHA – Olha que eu sei...

QUINCAS – Não sabe...

NEUSINHA – Sei. **(Ele empurra-a para fora do colo.)**.

QUINCAS – Eu não estou pensando em dinheiro. **(Ela olha para ele, feminina.)**.

NEUSINHA – Podes crer. Tá no sangue, irmão.

QUINCAS – Cigana... E cadê as tatuagens?

NEUSINHA – E desde quando cigana tem tatuagens?

QUINCAS – Grande, irmã! Um boteco! Gênio!

NEUSINHA – O que não pode é ficar. Ficar é apodrecer. Ficou, apodreceu.

ISABEL E VALENTE

Adélia entra com duas cestas.

ADÉLIA – A partir de amanhã, eu não quero ninguém parado. O Pedro vai fazer foguete de dia e ensaiar na banda, de noite. Davi vai para o Seminário estudar, Rosário vai rezar dobrado, e vocês... eu vou fazer pé-de-moleque e vocês vão vender na rua.

ISABEL – Pé-de-moleque, mãe?

ADÉLIA – Pé-de-moleque sim, menina! E tira esse batom horroroso da boca, que você não tem idade pra usar batom.

ISABEL – Mas não é batom, mamãe. É amora. A senhora não está vendo que é amora?

VALENTE – Para mim é a morte!

ADÉLIA – A morte ou não, amanhã eu quero os dois no batente. Se eu deixar por conta de vocês, todo o mundo morre de fome. **(Sai.)**

VALENTE – O Davi vai pro Seminário amanhã, e eu vou daqui a um mês.

ISABEL – Se você for pro Seminário ser padre, eu vou pro convento ser “fleira”.

VALENTE – Não é “fleira” que se diz: é freira. Freira!

ISABEL – Se eu me suicidar você suicida comigo?

VALENTE – Nesse minuto. No rio. **(Ela se levanta.)**

ISABEL – No rio onde jogam cocô?

VALENTE – Assim morro na merda já duma vez...

ISABEL – Também, não exagera!

VALENTE – Nunca, ninguém no mundo vai acreditar que eu tenho vocação!

ISABEL – Claro que você não tem vocação! É lógico!

VALENTE – Lógico, por quê? Eu não posso ter vocação? Você sabe o que significa ter vocação? Pois escuta: ter vocação – sua idiota! – não depende de você. Você é chamado. Você é que é chamado. E você pode ser até um demônio, que você é chamado, não depende! “Veni, sequere me”. Foi o que Jesus Cristo disse. Eu li num livrinho em latim, na igreja, domingo. **(Pausa.)** Quer que eu leia tua mão? **(Pega na mão de Isabel.)** Tem muita linha.

ISABEL – Me diz só uma coisa: quantos anos que eu vou viver?

VALENTE – Dez mil anos luz.

ISABEL – Dez mil anos luz?

VALENTE – Agora o lado sentimental?

ISABEL – Diz.

VALENTE – Você vai casar!

ISABEL – Com quem? Diz com quem?

VALENTE – Claro que não diz com quem! Só diz que você vai se casar.

ISABEL – E vou ter filhos?

VALENTE – Não sei ler mão. **(Solta a mão de Isabel.)**

ISABEL – Se você não sabe ler, por que é que se mete?

VALENTE – Lê a minha!

ISABEL – Eu não sei. Eu não entendo nada disso.

VALENTE – Você não tem imaginação? Inventá.

ISABEL (Olhando as mãos dele) – Você tem as mãos finas...
Você tem as mãos de um Imperador Asteca!

VALENTE – Quem dera! Tudo o que eu queria na vida. Ter nascido um Inca.

ISABEL – Mas não era Asteca?

VALENTE – Inca.

ISABEL – Como você joga alto!

VALENTE – Eu só jogo alto. **(Deita no colo dela.)** Ah, Isabel!...

ISABEL – Conforma comigo...

VALENTE – Vamos fugir...

ISABEL – Fugir pra onde, menino?

VALENTE – Tem milhares de cidades... Ilhas... Depois tem povos e cada povo fala uma língua diferente... Depois tem cinco continentes... Depois tem mares... Depois tem milhões de países... Depois tem milhares de estrelas, planetas... Depois tem...

ISABEL – Pára! Você me enlouquece!

VALENTE – Eu não me conformo!

ISABEL – Não tem nada demais vender pé-de-moleque na rua!
Não tem nada demais!

VALENTE – Para um Imperador tem!

ISABEL – Imperador... **(A Índia aparece para eles, cantando uma música enigmática.)**

ÍNDIA – Eu conheço vocês, de Minas...

ISABEL – Quem é ela?

ÍNDIA – Eu quero falar com sua mãe. **(Isabel vai chamar Adélia. Para Valente.)** Como é o seu nome?

VALENTE – Valente. Esse colar é Asteca?

ÍNDIA – Inca. **(Ela tira o colar e coloca em Valente. Depois, come arroz que Adélia lhe dá. Come em silêncio, com as mãos.)** São cinco?

ADÉLIA – São cinco.

ÍNDIA – Coloca cinco passarinhos dentro numa gaiola, fecha e me traz. Eu quero ver o vôo deles.

ADÉLIA – O vôo?

ÍNDIA – O vôo...

CARTA DE DAVI

Davi escreve uma carta, do convento, e Quincas lê a carta para a família.

QUINCAS (Lendo) – Minha batina é branca, de linho. Eu uso a batina para ir às procissões – fora -, e para ajudar a Missa. Já sei falar latim: “Introibo ad altare Dei, de Deum qui lactificat juventutem meam”.

ISABEL – Quer dizer que ele já é padre?

ADÉLIA – Claro que não. Ele é seminarista.

ISABEL – Mas já usa batina!

ADÉLIA – Acaba de ler, primeiro. Depois, conversa.

QUINCAS (Continuando) – Para ser padre é preciso estudar quatorze anos. Estuda quatro de ginásio, três de clássico, três de filosofia e quatro de teologia. Aos domingos, eu saio pra fazer apostolado. Eu vou, com mais dois seminaristas, que são gêmeos, e cantamos a Missa numa igreja de um bairro, aqui perto. Depois que acaba a Missa, as crianças ficam e nós damos o Catecismo. Aí, os dois gêmeos acabam de dar Catecismo para um grupo de crianças, e depois saem para brincar de pique, na praça. Enquanto eles ficam correndo e gritando, eu ensino sobre História, para o meu grupo. História das invasões, lendas... Os olhos das crianças brilham com as lendas. Eu conto – por exemplo – sobre a esfinge. Conto que a esfinge ficava no meio da estrada e dizia para as pessoas: “decifra-me ou devoro-te”. Se não adivinhassem o enigma, eram devoradas. E o enigma era simples: “qual o animal que tem quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três ao entardecer?” As crianças vibram com a história! **(Pausa. Quincas comenta com os outros.)** Esse cara não dá padre!...

NEUSINHA – Mas é tão antigo ser padre! Só na família de vocês que ainda tem isso...

ISABEL – Antigo, eu também acho. O Davi é lindo: vai virar padre? Eu implico.

ROSÁRIO – Mas se ele tem vocação, deixa gente...

VALENTE – E como é que sabe que tem vocação?

ISABEL – Para ter vocação é preciso ser santo.

QUINCAS – Não bota santo no meio.

ISABEL – O Davi é santo.

QUINCAS – Santo a gente guarda, com velinhas acesas, flor e etc. Mas deixa lá, guardado, sem ficar mostrando para todo o mundo.

ISABEL – Não concordo. Eu acho que tem que mostrar, sim.

VALENTE – Eu sou santo.

ISABEL – Nem tanto.

VALENTE – E eu não posso ser santo? Por que eu não posso ser santo?

ISABEL – Se você for santo, eu posso ir para o altar, direto.

VALENTE – Um dia eu vou te mostrar que eu sou santo.

ISABEL – Um dia eu também posso te mostrar.

QUINCAS – Que santo? Ser santo, também não é assim, ô porra!

VALENTE – E ser santo, como é então?

PEDRO – Acabou a carta? É só isso?

QUINCAS – Ainda tem.

PEDRO – Então, continua.

QUINCAS (Continuando a carta) – Eu não vou ser padre. Um dia eu saio. Tem um cheiro de incenso, com missas vespertinas, sol nos vitrais amarelos da capela, coro e órgão, missas em latim, liturgia, e de tarde tem canto gregoriano, ensaio. Tem sol, tem esporte. Um dia, no Catecismo, uma menina me perguntou: “padre, se Deus é onipotente, então por que é que ele não vence a serpente?” Eu não entendo nada disso. Mas eu aprendo e ensino Satã, nos livros de Catecismo. Em latim e com canto orfeônico ao fundo. Prego Satã em ofícios religiosos... Solene. E divulgo Satã entre as crianças pobres, desde a sua origem, como serpente, até com a coroa sobre a cabeça de Jesus Cristo, na cruz. E a minha adolescência? A minha natureza é sacerdotal, mas a minha palavra não é mais. Tudo o que eu quero é a minha adolescência. Eu quero a minha adolescência, mesmo sabendo que nem tudo o que se passa, do lado de fora desta batina branca, nem tudo é sagrado, o que é contra a minha vontade e a minha natureza. Minhas mãos são litúrgicas, meus braços são litúrgicos e até minha cabeça é litúrgica. Mas meu coração não consegue deixar de ser humano.

O BOTEQUIM

Pedro lava os pés numa bacia. Adélia está vestida de camisola de cetim, como na cena da mudança.

ADÉLIA – Não é tão botequim assim. Tem mesa para sentar, tem um rádio para escutar música, tem sorveteria e tem um

balcão, todo de mármore. E é uma rua asfaltada. E tem casa, para morar, junto.

PEDRO – Então, vai custar muito caro.

ADÉLIA – As terras. **(Longo silêncio.)**

PEDRO – Eu cheguei ao fim da viagem. Fiquei velho.

ADÉLIA – Quê chegou ao fim da viagem o quê, homem! Você é muito desanimado.

PEDRO – Eu cheguei ao fim da viagem. Eu sei.

ADÉLIA – Eu vou cuidar do bar: eu! Os meninos ajudam, depois da escola. Eu sei lidar com freguês. Você continua na Banda, agora que já compram “Fogos Caramuru”.

PEDRO – “Fogos Caramuru”. **(Longo silêncio.)** Lembra que meu irmão falava que ia inventar o moto-contínuo? O moto-contínuo era a máquina que não precisava de impulso... Ele foi morar sozinho, numa casa que ele mesmo construiu, no meio do sertão, e passou a vida procurando a fórmula do moto-contínuo.

ADÉLIA – Até que ficou louco. Tua família é uma família de gente biruta.

PEDRO – Os meninos estão dormindo?

ADÉLIA – Estão.

PEDRO – Eles estão estudando?

ADÉLIA – Estão.

PEDRO – O Valente?

ADÉLIA – O Valente e a Isabel estão no ginásio.

PEDRO – O Quincas?

ADÉLIA – O Quincas acha que é perda de tempo estudar. Não quer morar nesta cidade: diz que tem que ir pro centro, pra capital, que cidade é lá. A mulher dele é que fica botando essas idéias na cabeça. É uma com sangue de cigana, quer conhecer tudo, não mede nada o que faz.

PEDRO – Quer dizer que ficamos?

ADÉLIA – E você tava pensando em voltar? Voltar pra onde? Não tem mais nada, atrás. Minas morreu. Virou lenda. Nós é que estamos vivos.

A DESISTÊNCIA

Pedro toca na clarineta. Depois, ele fecha as partituras, guarda, folheia o “Método Giannini” e guarda, também. Depois dá a clarineta para Rosário.

PEDRO – Guarda em algum lugar.

ROSÁRIO – Não vai tocar mais? **(Silêncio.)** Então, vai ficar aqui. Dentro do Oratório. O dia que o senhor resolver, me pede. **(Rosário guarda a clarineta.)**

AS GAIVOTAS

PEDRO – Daí veio uma gaivota, lembra? Era uma gaivota verde e rosa: nunca me esqueço. Verde e rosa, o céu azul em cima, a água de prata, brilhando, eu e você dentro da canoa. Você vestida de noiva, segurando um feixe de margaridas do campo. Aí, a gaivota verde e rosa sumiu e daí, você disse: “vem vindo mais... Vem vindo mais”. Aí eu olhei, e vi uma, duas, três, quatro, cinco. Elas vinham voando no mesmo ritmo, acompanhando nossa canoa. Então você me disse: “elas são douradas: olha.” Eu prestei atenção e vi que elas eram douradas. Elas eram ouro puro, voando, no mesmo ritmo, acompanhando nossas cabeças. Tinha uma rocha parada no meio da água, e detrás da rocha vinha um coro indígena.

O VÔO

**A gaiola com os cinco pássaros. O Oratório. Velas acesas.
Um copo d’água. A Índia e Adélia.**

ÍNDIA – Em Minas eu vi teus pássaros. Eles saíram do sertão para a estrada, e eu vim, seguindo atrás da mudança. **(Ela pega o copo e coloca-o, ritualisticamente, no chão.)** Tem alguma coisa que eu possa te ensinar a respeito de tuas crias?

ADÉLIA – Vê o futuro deles.

ÍNDIA – Quem nasceu para voar, voe no rumo do céu. Quem nasceu para cantar, cante. **(Ela olha dentro do copo.)** Teus pássaros viajam, voando no espaço estreito da América, contra sertões, procurando ar, cor, luz, flor, pão. Teus pássaros viajam ao redor da máquina, contra a máquina, antes da máquina e depois. Vê se consegue ver. Olha dentro da água. **(Adélia olha dentro do copo.)** Tem um rio, a canoa que vai, e eles voando. E tem a máquina. Você consegue ver a máquina? Ela tem a cor e o som do sangue.

ADÉLIA – Eu só vejo a minha figura. Tem um verde atrás da figura. Só isso.

ÍNDIA – Eles vão embora.

ADÉLIA – Pra capital. Eles vão embora pra capital.

ÍNDIA – Na estrada da capital tem um príncipe, da cor da serpente, e na mão direita ele segura um punhal e na mão esquerda ele segura um cálice. A cidade brilha - como o metal -, e acena com luzes, espelhos e cimento. Ela tem o cheiro da máquina e é a máquina por dentro e por fora, com garras e dentes.

ADÉLIA – Eles voam na direção da cidade?

ÍNDIA – Dentro da cidade, a memória vai ser retirada, e no rosto de cada imagem, só vai ficar o esquecimento. **(Ela desaparece, enquanto Adélia continua olhando dentro do copo.)** Tem algum pedido seu, que eu possa atender?

ADÉLIA (Olhando dentro do copo e falando para os pássaros na gaiola) – Era sertão. Era outra coisa. Outra vida.

Tinha inocência. Inocência tinha. Não tinha malícia. Medo tinha. Não tinha ninguém perto com quem conversar. Era tudo longe. Não tinha luz elétrica. De noite era luz de lamparina. Usava querosene. Água tinha que buscar longe, na bica. Para eles fazerem a Primeira Comunhão, nem sapato tinha. Foram descalços, do sertão até Ventania. Espaço tinha. Tinha grama, tinha campo, mato, fruta, gabioba, amora, tinha flor, leite, mel. Mas não sabiam nem assinar o nome. Eu peguei na mão de um por um e eles escreveram a, e, i, o, u. O alfabeto e o nome. Não tinha informação. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha hospital. Era triste. Para viver era triste. Era bonito. Ouvindo falar, assim, é bonito. Mas não tinha o mínimo humano. Tinha que ir embora. **(A Índia volta, vestida com a cor da serpente, um punhal na mão direita e um cálice na mão esquerda.)**

ÍNDIA – Atrás do vôo não ficou nem sinal. Na frente do vôo tem o céu, astros, signos, sol. **(Ela retira um passarinho de dentro da gaiola e coloca-o na borda do cálice, com o punhal no pescoço.)** Não me pergunta com palavra, o que eu não sei responder com palavra.

ADÉLIA – Qual a minha parte neste sacrifício?

ÍNDIA – O sangue já foi derramado por todos e o teu, em cinco partes.

ADÉLIA – No preço de cada um, eu contei um reino de Minas pela estrada. E o reino começava aqui, neste mundo. Eu joguei Minas para fora. Do coração e da boca. Um céu aberto em cima das asas, em cima de nossas cabeças, com as estrelas de Deus

brilhando. Eu também escutava essa beleza, com todos os olhos abertos. Mas eu tinha que segurar o reino na mão, feito de terra. Essa foi a única escola que eu aprendi, e que ensinava. A fé começava com a terra debaixo do pé, com a terra segurada na mão. Tinha que começar pela terra. **(A Índia guarda o punhal e solta o pássaro.)**

ÍNDIA – Uma porta abre no céu. Sobem e descem os anjos. Em prata, ouro, asa. Quem vem pela porta é o Viajante, que esperou - como lenda e silêncio -, até que esta hora chegasse. Abra a mão, olho, olhos, diz 'vai' sem medo, desata, solta. Dos ossos, voz, grito. Do sertão, seca e dor, do acumulado de tanta solidão, desarma de toda arma. Um tempo novo vai começar.

CERIMÔNIA DO VÔO DOS PÁSSAROS

A cena sugere, revive, recria, recorda, joga fora 1956, ano da juventude transviada, interior, com lambreta, coca-cola, sonhos impossíveis, fugas de casa, tardes desesperadas, James Dean, Little Richard e Elvis Presley, Cinzano, Jesus Cristo, partidas, transição, aventura. A família possui um botequim, numa rua asfaltada, perto de um posto de gasolina Shell.

SEGUNDO MOVIMENTO

A voz de Little Richard abre o Segundo Movimento, com 'Lucille'. Valente faz tranças no cabelo de Isabel. Ela faz as unhas, com esmalte. Rosário está do outro lado do balcão. O Oratório está junto com as garrafas, na prateleira. Isabel e Valente estão sentados numa das mesas do botequim. Seu Guilherme dorme numa das mesas. E, depois que termina a música vinda de um rádio velho.

ISABEL – Elvis em segundo. Little Richard em primeiro: eu acho uma injustiça. (**Valente canta 'Bye Bye Love'.**) Vou escrever uma carta para o Jair de Taumaturgo, protestando.

VALENTE – Acho isso tudo pobre.

ISABEL – Porque você tem mania de Rei, de Imperador, de Príncipe. (**Isabel retira uma fotografia de Elvis do seio. Canta.**) 'Love me tender / Love me sweet / And never let me go...' Você pode pensar o que quiser: o Elvis é que é o Rei.

VALENTE – Então me diz – em inglês -, os nomes dos filmes que o Elvis fez.

ISABEL – E eu sei?

VALENTE – Pois eu sei.

ISABEL – Então diz você, ora... (**Valente cita os nomes dos filmes de Elvis Presley.**) O único nome de filme que eu sei, em inglês, é 'Rebel Without a Cause', com o James Dean e o Sal Mineo.

VALENTE – Sabe que você não vai me ver nunca mais?

ISABEL – Por quê? Você vai morrer, por acaso?

VALENTE – Eu vou sumir. Vou encontrar um disco voador, vou entrar nele e vou sumir.

ISABEL – Então me leva junto, que eu também quero sumir.

VALENTE – Olha: teu cabelo tá sujo de caspa. Você não lavou com xampu.

ISABEL – Lavei com xampu sim, idiota! Imagina se eu vou lavar o meu cabelo com esse sabonete, todo cheio de ácidos, que matam a raiz!

VALENTE – Você não lavou com xampu, porque eu usei o resto do xampu que tinha num vidro amarelo. E não vai me dizer que você comprou outro, porque eu peguei a nota de mil que tinha na gaveta do bar, pra juntar pro cinema. **(Canta 'Bye, Bye Love'.**)

ISABEL – Você pensa que eu não te conheço?

VALENTE – Então fala tudo o que você sabe a meu respeito.

ISABEL (Retira, com glamour, um maço de cigarros longos da perna) – Tudo o que eu queria na vida, era casar com o Elvis Presley. Num sábado de tarde. Hoje. Agora. Ele saía de dentro do rádio, em carne e osso, e eu me casava com ele.

VALENTE – Sabe com quem você parece? Você parece com a Natalie Wood. **(Isabel suspira. Valente conta os passos do botequim, de ponta a ponta.)** Já cansei de ver escrito, no espelho, 'Beba Coca-cola'. Vou pentear meu cabelo na frente do

espelho e tem que estar escrito – lá -, ‘Beba Coca-cola’. Eu conheço milímetro por milímetro deste boteco, dia por dia da semana. De segunda a sábado. Eu já sei de tudo o que vai acontecer. Sábado de tarde tem ‘Hoje é Dia de Rock’, pela Mairynk Veiga. Domingo tem Missa, e o bar fecha, e tem matinê. Segunda tem aula. Terça tem aula – eu acho igual. Segunda e terça, para mim, são iguais. Quarta tem o quê? Igual também. Quinta tem mudança de programa no cinema, e entra um filme novo. Quinta eu gosto. É o único dia que eu gosto. Sexta, eu gosto, por causa do sábado.

ISABEL – Pra você é assim. Pra você. Pra mim é tudo diferente. Pra mim, qualquer hora pode acontecer uma coisa, e mudar tudo. **(Valente abre os braços em forma de cruz, e dá um grande suspiro.)** Sabe com quem você se parece? Você se parece com o Sal Mineo.

VALENTE – Eu pareço com Jesus Cristo.

ISABEL – Com Jesus Cristo pareço eu.

VALENTE – Jesus Cristo não é mulher.

ISABEL – Nem homem. **(Pausa.)**

VALENTE – Meu problema é muito mais sério do que você pensa.

ISABEL – Então conta para eu ver se é tão sério assim.

VALENTE – Meu problema é que não nasci um Imperador Asteca. **(Isabel joga fumaça na cara dele.)** Pára de jogar fumaça na minha cara!

ISABEL – Você é esquisito. **(Aponta Rosário.)** Ela é esquisita. Aqui nesta casa, todo o mundo é esquisito. Papai é esquisito, com essas músicas dele. Mamãe é esquisita, trabalhando, como se a gente fosse morrer de fome...

VALENTE – E a gente não pode morrer de fome?

ISABEL – Não. Nós somos uma família que veio de Marte! **(Valente emite sons espaciais e encena com o corpo e os braços.)** Nesta casa só eu sou normal, porque eu tenho um namorado, o Teco, que é um mecânico lindo, e tem uma moto lindíssima. Porque eu gosto de fazer minhas unhas, gosto de arrumar meus cabelos, gosto de flertar na praça – quando dá... Eu sou moderna. Eu não quero nada impossível! Eu sou romântica. Eu adoro gente romântica. Homem, para mim, tem que ser romântico, senão não é homem.

VALENTE – E o Elvis Presley? O Elvis Presley é possível? **(Pausa.)**

ISABEL – Você sempre acha um jeito! Você tem sempre que achar um jeito!

PRIMEIRA VERSÃO DA VOLTA DE DAVI DO SEMINÁRIO

Davi está de batina branca. A família assiste-o. Estão presentes as duas figuras do botequim: Seu Guilherme e Dona Efigênia.

NEUSINHA – Ficava bonito... Ficava muito bonito.

ISABEL – Você disse que ser padre é antigo.

NEUSINHA – Antigo é. Mas ficava bonito no Davi. Uma graça.

EFIGÊNIA – Mas padre usa batina branca?

ADÉLIA – Usa. Hoje em dia usa de todas as cores.

PEDRO – Bispo usa até vermelha, não usa?

ADÉLIA – Vermelha eu nunca vi. Já vi roxa.

PEDRO – Eu já vi Bispo de vermelha.

EFIGÊNIA – Eu nunca vi - Seu Pedro. Nem branca. Essa é a primeira vez.

ROSÁRIO (Apalpa a batina) – É de linho.

DAVI – De linho. **(Rosário continua apalpando.)**

GUILHERME – Mas não é prático, é prático?

QUINCAS – Além de não ser prático, chama a maior atenção na rua.

EFIGÊNIA – Mas é bonito. Branca assim, eu acho muito bonito.

QUINCAS – Bonito assim, para pôr e tirar, dentro de casa. Para ficar usando, não dá.

ISABEL – Eu, por exemplo, não saía com o Davi na rua, assim, de batina.

NEUSINHA – Eu saía. Não vejo nada demais. Nesse ponto, não.

EFIGÊNIA – Eu também saía.

ADÉLIA – Eu saía.

ROSÁRIO – Eu também saía.

ISABEL – Eu não saía.

VALENTE – Eu saía.

ISABEL – Mas você é um caso à parte.

VALENTE – Estou dizendo que eu saía com a batina. Vestido com a batina.

ISABEL – Então sai. Quero ver.

VALENTE – Você empresta Davi?

ISABEL – Empresta, Davi, empresta. Hoje tem procissão de “Corpus Christi”. Eu quero ver você, na procissão, vestido assim. Quero ver. Vai. **(Davi tira a batina e Valente veste.)**.

NEUSINHA (Olhando Davi sem batina) – Mas ele fica outra coisa, sem batina! Outra coisa!

EFIGÊNIA – Eu prefiro de batina...

ADÉLIA – Eu também prefiro.

ISABEL – Imagina! Eu acho muito mais preferível, sem batina!

VALENTE – Não se diz ‘mais preferível’. Preferível já significa que é mais. **(Eles olham para Valente, que desfila com a batina.)**.

ISABEL – Que horror! Acho que fica um horror em você.

NEUSINHA – No outro eu acho melhor.

EFIGÊNIA – Nos dois fica bonito.

VALENTE (Para Adélia) – Em quem a senhora prefere mãe?
(Pausa.) Nele ou em mim?

QUINCAS – Nos dois fica muito ruim.

ADÉLIA – Eu acho bonito tanto num quanto no outro.

ISABEL – Então sai. Quero ver.

VALENTE – Então, tchau! **(Sai. Os sinos começam a bater. Todos correm à porta e ficam olhando, menos Pedro e Davi.)**

PEDRO – Então: veio embora?

DAVI – Vim embora.

PEDRO – Você tá na sua casa. É tudo seu. Não fica preocupado. Você tá na sua casa. **(Os sinos continuam batendo.)**

ELVIS PRESLEY

Adélia está vestida para ir à igreja, e sai com Rosário. Isabel está toda arrumada para sair, também.

ADÉLIA – Isabel: vê se cuida direito do bar. Não deixa seu pai ficar bebendo e atende os fregueses direito. Eu vou à Missa vespertina com Rosário, e volto logo.

ISABEL – Vê se volta logo, que eu vou ao cinema com Teco.

ADÉLIA – Você só fala neste mecânico, dia e noite.

ISABEL – Tem alguma coisa demais?

ADÉLIA – Não deixa este rádio tão alto, que isso espanta a freguesia.

ISABEL – Ai, mãe! Que mais? Que mais? Que mais? **(Adélia sai com Rosário. Isabel canta uma música da época, suspira e fica olhando-se na frente do espelho.)** Impossível, também não é. Quem disse que é? Ele pode aparecer aí, sei lá, vindo dos Estados Unidos, afinal, Elvis é americano. **(Ela encena, esperando, do outro lado do balcão.)** Daí, por milagre, ele apareceu e eu estou sozinha aqui no bar, é claro – graças ao bom Deus que todo o mundo saiu e o bar hoje ficou por minha conta -, e, graças a Deus, que não vai aparecer mais ninguém e, mesmo que apareça, eu digo que não tem mais nada, que já fechou e fim! **(Elvis Presley entra, se possível, montado numa lambreta, e no estilo blusão preto. Silêncio. Ele senta-se à mesa, muito seguro, e sem dizer nada.)** Ele fala inglês? Ai! E agora, meu Deus? Ele fala português! As coisas principais, qualquer um sabe falar, em qualquer língua. **(Silêncio.)** Eu é que começo. Eu pergunto: “o que você bebe?” Daí, ele responde...

ELVIS – Coca-cola.

ISABEL – Serve Pepsi?

ELVIS – Coca.

ISABEL – Pepsi! **(Leva uma garrafa de Pepsi até a mesa onde ele está.)** E eu sento perto dele ou não? Eu sento na outra

mesa, é lógico. E fico. Assim, de livre e difícil, ao mesmo tempo. Porque eu sou assim: livre e difícil! **(Ele oferece cigarros americanos.)** Ai, meu Deus: aceito ou não? Claro que eu aceito. Eu tenho de deixar claro que eu sou moderna. **(Ela pega um cigarro. Eles fumam, em silêncio.)**

ELVIS – Quantos anos você tem?

ISABEL – Adivinha.

ELVIS – Dezesesseis.

ISABEL – Quase.

ELVIS – Não estou escutando. Vem falar comigo aqui, perto de mim, que eu não escuto com essa distância...

ISABEL – Nojento! Mas imagina se eu também sou tão difícil assim? Eu vou e sento em cima da mesa: bem assim. **(Senta-se em cima da mesa onde ele está - com segurança.)**

ELVIS – Quer casar comigo?

ISABEL – Tira a mão de mim, que minha mãe foi à igreja e pode chegar a qualquer hora. E eu tenho três irmãos. Três. **(Ele tira a mão. Ela arrepende-se.)** Eu devia dizer que tenho três irmãos?

ELVIS – Se você casar comigo, eu te ensino a falar inglês.

ISABEL – Então fala para eu ver: fala!

ELVIS – Se você casar comigo.

ISABEL – Quando?

ELVIS – Agora.

ISABEL – Onde?

ELVIS – Aqui.

ISABEL – Aqui? (**Longa pausa.**) Mas você não me ama!

ELVIS – I love you.

ISABEL – Você mente como respire!

ELVIS – I love you.

ISABEL (**Olha o Oratório, que está no botequim, e se detém**)

– Se eu perder essa chance, nunca mais na vida!

ELVIS – Come on, gatinha, come on!

ISABEL – Então diz que você me ama.

ELVIS – I love you.

ISABEL – Cínico!

ELVIS – I love you... (**Eles se olham.**) Mas se eu estou dizendo I love you!

ISABEL – Então repete, com toda a convicção.

ELVIS – Com toda a convicção: I love you! (**Ele puxa-a para frente.**) Vem, medrosa, eu te amo... I love you... Você está linda hoje!

ISABEL – Mas eu não tenho medo...

ELVIS – Vem, menina, vem... (**“Oh Sole Mio”, com Elvis Presley, entra em playback, enquanto a cena se desenvolve.**).

ISABEL – I love you... Nunca pensei, nunca esperei, nunca... que um dia, numa tarde de sábado... hoje... nunca pensei que podia sair de dentro do meu rádio, para dizer, olhando pra mim: “I love you”... Você foi a primeira pessoa na vida que me disse ‘I love you’... **(Ela retira a toalha, que está no Oratório, e envolve-o na toalha.)**

ELVIS – Você tem um perfume de igreja, minha indiazinha...

ISABEL – Teu olho tem estrelas e astros dentro!

ELVIS – Que mais?

ISABEL – Diz meu nome: diz!

ELVIS – Isabel... **(Tira a camisa.)** Não foge de mim, criança... Vem...

ISABEL – Minas...

ELVIS – Quem é Minas?

ISABEL – Ninguém...

ELVIS – Me conta o teu segredo... Qual é o teu segredo?

ISABEL – Minas. Adivinha.

ELVIS – Não sei.

ISABEL – Eu te amei tanto.

ELVIS – Por que você diz ‘amei’?

ISABEL – Quando eu queria sair de Minas, e não sabia como... Como se eu fosse uma estrela caindo do céu, longe, longe... Então, eu imaginava você vindo... Como eu te imaginava!...

ELVIS – Por que você diz ‘imaginava’?

ISABEL – E então você dizia ‘I love you’...

ELVIS – I love you...

ISABEL – E você diz ‘I love you’, e eu dizia ‘I love you’, e eu digo ‘I love you’. I love you! I love you! **(Ele desaparece dentro da toalha, enquanto ela procura-o com as mãos.)** I love you. I love you. **(Depois, ela se levanta, com a toalha marcada de sangue.)** I love you. I love you...

QUINCAS E NEUSINHA VÃO-SE EMBORA

Neusinha e Quincas estão numa das mesas do botequim. Quincas joga cartas em cima da mesa. Neusinha fuma um cigarro. Davi joga com Quincas. Pedro bebe com Seu Guilherme no balcão, ele de um lado, Seu Guilherme do outro. Adélia conversa com Dona Efigênia, que carrega um pão debaixo do braço e um litro de leite. Rosário contempla uma caixa de papelão colorida, onde ela coleciona um anel de brilhante e o cordão que Valente ganhou em Minas.

Isabel e Valente saíram.

QUINCAS – Hoje eu estou com sorte. Quase canastra.

NEUSINHA (Olhando o jogo) – De ouro. Olha só, irmão!

QUINCAS – Só falta o coringa. O ás eu tenho na mão para bater.

NEUSINHA – De coringa fica lindo, irmão...

QUINCAS – O trem sai a que horas?

NEUSINHA – Às seis.

QUINCAS – Então, já estamos marcando.

NEUSINHA – Tenta a real, tenta a real, antes! **(Davi está com uma carta na mão. Ele compra no monte, e sai o coringa.)**.

DAVI – O coringa!

NEUSINHA – Mas ele ainda não pegou o morto. Tem que pegar o morto, antes.

DAVI – Eu não posso fazer nada... **(Ele mostra o jogo.)** Aqui já tá sujo... Aqui também já tá sujo... Ou pode bater direto pra pegar o morto? Pode?

NEUSINHA – Quais as regras que vocês combinaram antes?

DAVI – Foi combinada alguma regra?

QUINCAS – Não foi combinada regra nenhuma.

NEUSINHA – Então, como é que vai ficar? Tamos marcando, irmão, tamos marcando! Tá em cima da hora! **(Seu Guilherme se aproxima e interrompe.)**.

GUILHERME – Eu, se eu tivesse a idade de vocês, se eu tivesse tempo, ainda, se eu tivesse tido a chance... Também, não tive chance!

NEUSINHA – E quem é que teve Seu Guilherme? Quem é que teve?

GUILHERME – Aí é que está o 'X' do problema: quem é que teve?

NEUSINHA – O meu irmão tá tendo uma, nesse minuto. Como é que ficou resolvida a transa, irmão?

DAVI – Eu te dou o coringa de ouro.

QUINCAS (Se levantando) – Real irmão! Real: de ouro!

GUILHERME – Para onde vocês estão indo?

NEUSINHA – Para onde, irmão?

QUINCAS – Onde tem mar. Vamos começar pelo mar.

NEUSINHA – E vamos como?

QUINCAS – Voando.

SEU GUILHERME

Seu Guilherme e Seu Pedro. Adélia e Dona Efigênia, mais Rosário.

GUILHERME (Para Seu Pedro) – Minha religião é o Kardec. Desaconselha o álcool. Mas eu... O senhor entende, Seu Pedro? Eu não tenho nenhum filho pra criar, como o senhor. Eu tenho a aposentadoria da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, que é uma miséria, mas pra mim, dá. E eu vou fazer o quê com esse dinheiro, se não bebo? Eu vou comprar roupa? Não: eu já passei essa fase... O senhor ainda pensa em roupa, Seu Pedro?

PEDRO – Eu também já passei essa fase, Seu Guilherme.

GUILHERME – Me diz uma coisa, Seu Pedro: o senhor é católico, não é?

PEDRO – Sou.

GUILHERME – E católico bebe?

PEDRO – Bebe.

GUILHERME – Pois eu devia ter me batizado católico... Em compensação, católico não reencarna, reencarna?

PEDRO – Eu não entendo desses assuntos, Seu Guilherme.

GUILHERME – Espírita reencarna! Mas eu sou viciado! Já vou fazer setenta anos e desde os vinte, que todo o dia, todo o santo dia, eu deixo de beber. Daí me dá vontade, e eu penso: “se bebe, morre. Se não bebe, morre”, e então, eu bebo. Na próxima encarnação eu vou nascer bicho, disso eu tenho certeza. Nessa eu já perdi a chance. Então, eu aproveito pra fazer tudo de uma vez, tudo! E deixo a melhora pra próxima... Qual é a sua opinião, Seu Pedro?

PEDRO – Eu não tenho opinião, Seu Guilherme.

GUILHERME – Eu bebo... Eu bebo porque eu até gosto de sentir o fígado pesando, vômitos de manhã, enjôo na hora de escovar os dentes... Eu até gosto do veneno! Não sei. Nasci bêbado e vou morrer bêbado! Mesmo sabendo que vou voltar como bicho, como por exemplo, uma lagartixa. O senhor conhece animal mais feio do que uma lagartixa, Seu Pedro? Eu não conheço. Ou, como vira-lata, que vive comendo lixo e

levando porrada na rua, sem lugar pra dormir, pra ficar, pra comer, jogado fora, de vez. E que no fundo é manso. É manso ou não é manso? Não pode ser manso. Como é que pode? **(Longa pausa.)** Me dá mais pinga, Seu Pedro!

ADÉLIA (Interferindo) – Acabou, Seu Guilherme. Por hoje, acabou!

GUILHERME – Ora, Dona Adélia, eu não estou bêbado. Olha aí: eu consigo fazer um quatro. **(Ele faz um quatro com as pernas, e quase cai.)**

ADÉLIA – Eu disse que acabou, Seu Guilherme. Por hoje, acabou!

GUILHERME – Mas, Dona Adélia...

EFIGÊNIA

**Cena montada sobre a partida de Quincas e Neusinha.
Efigênia e Dona Adélia. Adélia vestindo-se para ir à Missa
com Rosário.**

EFIGÊNIA – O apelido dele era ‘Black Dog’. Ele não era mole, não, Dona Adélia. Uma barra pesadíssima. A senhora nem calcula.

ADÉLIA – Calculo.

EFIGÊNIA – Aí, um dia, ele me disse: “vou-me embora. Pintou sujeira pra cima de mim”. Aí, eu não pensei duas vezes, e disse:

“eu vou junto”. Ele disse: “você espera”. E sumiu. Eu fiquei esperando.

ADÉLIA – Então, um dia, volta.

EFIGÊNIA – Nem notícia. Exalou, como um cheiro. **(Pausa.)** Uma noite, eu disse: “vou ver como ele está”. Aí, eu enchi um copo d’água, e coloquei perto dos meus santos e acendi a vela. Daí, rezei minhas orações e olhei dentro do copo. Tinha – primeiro -, uma estrada, que vai indo, que vai indo, dentro duma tarde, com carneirinhos. Não tem carro, não tem barulho, não tem nada. Só os carneirinhos indo, pela estrada.

ADÉLIA – Então quer dizer que tá tudo as mil maravilhas.

EFIGÊNIA – Depois, tinha um campo seco, do lado da estrada. Um campo seco, feio, faltava vida, como se fosse o inferno com o Diabo. A senhora me perdoa a palavra, mas existe, Dona Adélia, pelo menos eu acredito. **(Rosário faz o nome do padre.)**

ADÉLIA – Bate na boca, criatura, bate na boca. Inferno, se existe, é aqui mesmo.

EFIGÊNIA – Ele era moreno, magro, alto. De Gêmeos. Parecia um príncipe. Não abria a boca pra nada. A única coisa que uma vez ele disse, foi isso: “se o mundo não é bom, faça o seu”. E ele fazia o dele, sem incomodar ninguém.

ADÉLIA – Cada um é independente. Eu vejo os meus. As asas aprumadas, a idéia acesa. Se eu pudesse, eu parava o vôo, com um grito. Mas já não está mais em mim. Então, eu digo: “vai”, de olho fechado. E quando eu abro o olho, ainda não

foram. Seja o que tem que ser. Não vou fazer drama. Isso não!
(Ela se volta para o Seu Guilherme.) Acabou, Seu Guilherme.
Por hoje, acabou!

GUILHERME – Mas eu não estou bêbado, Dona Adélia, olha aí.
Eu consigo até fazer um quatro.

ADÉLIA – Eu disse que acabou, Seu Guilherme. Por hoje,
acabou!

GUILHERME – Mas Dona Adélia...

ADÉLIA – Não insiste, Seu Guilherme! Por hoje, acabou!

GUILHERME – Me crucifica, Dona Adélia, me crucifica! Nasci
pra Cristo: pode me crucificar!

QUINCAS E NEUSINHA VÃO-SE EMBORA II

NEUSINHA – Tem que ir inteiro, meu irmão. Não tem que deixar
nada atrás. O que ficou pra trás, já era. E não tem lágrimas!

QUINCAS – Mamãe!

NEUSINHA – Do lado de fora desta rua, eu sou a tua mãe. Eu
vou te dar cinco caras, uma em cada continente. **(Coloca um
brinco na orelha de Quincas.)**

QUINCAS – Papai!

NEUSINHA – Do lado de fora desta rua, você é meu pai. Do
lado de fora desta rua, você é um homem.

QUINCAS – Cigana.

NEUSINHA – Cigano. Vem!

QUINCAS – E vamos como?

NEUSINHA – Ora, vamos como: em cima das pernas, mano!
(Saem.).

SEGUNDA VERSÃO DA VOLTA DE DAVI DO SEMINÁRIO

Isabel dança, com uma saia de linho branca, feita da batina de Davi. Valente lê um livro, deitado no chão. Rosário vagueia.

ISABEL – Você viu a saia que deu a batina do Davi?

VALENTE – Não sei o quê ele veio fazer aqui.

ISABEL – Como se você soubesse.

VALENTE – Mas eu já me acostumei.

ISABEL – Coitado! Ele anda que anda: olhando... olhando... calado... Me dá aflição. Mas eu vou dizer o quê pra ele?

VALENTE – Não diz nada, então. Deixa ele. Quem sabe se ele ainda descobre alguma novidade nesta cidade. Porque eu já esgotei.

ISABEL – Vou te ser sincera: eu acho o Davi mais bonito que você.

VALENTE – Em compensação, eu vou-me embora.

ISABEL – Então vai. A porta está aberta. A rua está aberta. É só ir.

VALENTE – Você está grávida? **(Isabel pára de dançar.)**.

ISABEL – Imagina se eu vou estar grávida, menino!

VALENTE – E não podia? **(Silêncio. Valente volta a ler o livro. Fechando o livro.)** Hoje eu estou sentindo calor, falta de ar, mau-humor, claustrofobia. Sabe o que quer dizer claustrofobia?

ISABEL – Não sei, nem quero saber, tenho raiva de quem sabe. **(Silêncio. Valente se levanta e fica olhando para Rosário.)**.

ROSÁRIO – O que foi?

VALENTE (Passando a mão no rosto dela) – Ri.

ROSÁRIO – Mas eu não quero rir.

VALENTE – Ri. Eu vou fazer gracinha e você vai rir. **(Ele canta ‘Bye, Bye Love’ para ela, até ela rir.)** Pronto: riu!

ISABEL – Como você é chato, menino!

VALENTE – Agora é você.

ISABEL – Não enche.

VALENTE – Tem que rir. Anda, ri!

ISABEL (Puxando os dois lados da boca com as mãos) – Nem fazendo assim, tá vendo? Nem fazendo assim.

VALENTE – Sabe quem que você parece? Você parece a Natalie Wood...

ISABEL – Não acho a menor graça.

VALENTE – Se você não rir, eu não saio da sua frente. Pronto!

ISABEL – Se você soubesse como você é chato...

VALENTE – Pronto: riu...

ISABEL – Como você é chato!

VALENTE – Agora vamos fazer outro jogo. Eu digo um nome de filme, em inglês, e você diz outro.

ISABEL – Não sei nome de filme nenhum, em inglês.

VALENTE – Vou começar: “Rebel Without Cause”.

ISABEL – Pode parar que esse filme é o único que eu sei, em inglês. **(Silêncio.)** Sabe uma história que o Davi me contou e que eu fiquei gelada? Que vem vindo um planeta de encontro à Terra: diz que saiu até no jornal. Diz que o planeta vai mudar o eixo da Terra, e aí vai mudar tudo. O que é Norte vira Sul, e tem lugar que vai desaparecer. Você já pensou se esse planeta vem mesmo?

O IMPÉRIO SECRETO

De noite, no botequim. Valente encena-se, pintando-se com sangue feito de tinta, e Davi está ao seu lado.

VALENTE – Uma vez, eu disse: “eu também vou pro Seminário. Quero ser um monge”. Aí, eu pensei: “se eu for: eles vão dizer que é por causa do Davi. Depois, o Davi sai e eu não posso sair

porque vão dizer que o Valente saiu, só porque o Davi saiu”. No fundo, era covardia. Começou como covardia. Então, você escreveu uma carta e eu disse: “a carta que eu queria escrever!”. E eu comecei a escrever cartas para pessoas imaginárias, como se eu fosse um monge, o Iluminado, o Santo. Mas eu não era o Iluminado. Eu brincava, como uma criança obcecada, que recebeu uma flechada e saiu sangue. Aí, mudou tudo. Aí, eu inventei de ser um Imperador Asteca, e eu me sagrei descendente imaginário do Rei Sol. Eu era magnânimo, generoso, eu compreendia todos os meus servos, a minha corte. Eu dava tudo o que fazia cada um - em particular - feliz, e eu sabia o que é que cada um deles queria, e era tudo representação. Meu reino era um teatro alegre, campestre. Era a Eterna Adolescência. Tinha enigmas, tinha demônios de mentira, mas eu fazia questão da lenda. Cada pessoa mantinha uma cumplicidade de olho e de traje, uma com a outra. E tinha rituais, que no fundo eram exorcismos, mas a gente não dizia. Éramos um Império Secreto. Fazíamos da mendicância o nosso luxo. Eu deslizava em cima das águas, como uma gaivota teleguiada. **(Pausa.)** Aí, você apareceu, de novo. Bastou você botar o pé dentro deste botequim, pro meu reino partir. Eu ainda chamei meu reinado, e disse: “fica, fica...”, mas ele foi-se embora e levou pontes, pedras preciosas, minhas princesas indígenas, rituais... eu fui abrindo os olhos... e vi. Eu não precisava mais do meu Império Secreto. **(Valente passa tinta no rosto de Davi.)** Assim, você fica parecendo o James Dean.

FUGA DE VALENTE

Isabel está vestindo Valente, que vai fugir de casa, de noite, depois que todos forem dormir.

VALENTE – Sombra no olho, não...

ISABEL – Claro: idiota! Disfarçado... não dá nem pra perceber!

VALENTE – Se eu for com a tua blusa... e você, depois?

ISABEL – Eu pego mais dinheiro na gaveta e compro outra...

VALENTE – Eu te mando uma de presente, então.

ISABEL – Só me escreve uma carta contando, ouviu? Eu vou ficar esperando essa carta, a minha vida inteira.

VALENTE – Você só conta pra eles, amanhã. Não vai contar antes!

ISABEL – Eu nem consigo acreditar que você vai mesmo, Valente... **(Pausa.)** Você ficou lindo! Um príncipe!

VALENTE – Você já sabe o que quer da tua vida?

ISABEL – E adianta saber?

VALENTE (Volta a se olhar no espelho) – Fiquei uma boneca. Você acha que vai dar certo, Isabel?

ISABEL – A gente não pensa essas coisas. Essas coisas, a gente nem pergunta.

VALENTE – Então me diz ‘vai!’. Eu preciso de alguém que me diga ‘vai!’. **(Eles se abraçam. Isabel se desfaz dele.)**

ISABEL – Eu nunca vou te esquecer, nunca!

VALENTE – Você jura que não vai me esquecer, nunca?

ISABEL – Vai! Anda, vai! **(Ela tira o colar, dado pela Índia, e coloca nele.)** E bota este colar que você ganhou em Minas. Pronto. Agora você tá um Imperador Asteca.

VALENTE – Então, tchau, Isabel!

ISABEL – Tchau! **(Valente sai, cantando ‘Bye Bye Love’).**

ROSÁRIO II

Rosário está sozinha, perto do balcão. Seu Guilherme dorme, numa mesa. Isabel espera, debruçada, sozinha, numa outra mesa. A cena é silenciosa, longa. Davi se aproxima. Olha para esse mundo sem palavras, delirante. Rosário olha um anel de brilhante, que ela tem no dedo, até que Davi derruba um copo.

ROSÁRIO – Davi?

DAVI – Sou eu.

ROSÁRIO – Que susto! **(Longa pausa. Isabel suspira.)**

ISABEL – Porra!

ROSÁRIO – Que horror, Isabel!

ISABEL – Porra, mesmo!

ROSÁRIO – Se ele falou que escreve, é porque escreve.

ISABEL – E eu estou esperando a carta dele? Eu estou pensando na minha vida! O que é que você acha de eu me casar com o Teco, Davi?

ROSÁRIO – Mas isso, quem sabe é você, menina... **(Isabel suspira de novo.)**

ISABEL – Ele é pobre. Eu também sou pobre. Ele gosta de mim, mas e eu: gosto dele? Ai, como eu detesto ficar na dúvida! Ai: eu vou ficar paranóica! **(Ela se levanta e fica na porta, esperando. Davi fica olhando para Rosário.)**

DAVI – Onde você arrumou este anel?

ROSÁRIO – Era da minha madrinha. Ela me deu em Minas, no dia da minha Primeira Comunhão. **(Pausa.)** É azul ou maravilha?

DAVI – Azul.

ROSÁRIO – Porque tem hora que é maravilha.

DAVI – Então você vê! **(Rosário não diz nada.)** E eu, você me vê?

ROSÁRIO – O vulto.

DAVI – Que mais que você vê?

ROSÁRIO – Gente de casa, eu conheço quando chega.

DAVI – E gente de fora?

ROSÁRIO – Gente de fora, às vezes. **(Pausa.)**

DAVI – Você vê ou você conhece?

ISABEL – É interrogatório, é?

ROSÁRIO – Isabel!

ISABEL – Eu tenho que realizar que Elvis não existe. Elvis Presley foi uma invenção da minha cuca. Quem existe é o Teco. O Teco é quem vem me pegar para ir ao cinema. O Teco é quem passeia de moto comigo. O Teco é quem trabalha e foi o Teco... **(Ela põe a mão no ventre.)** Ai! Acho que estou pagando todos os meus pecados! **(Pausa.)** Davi: você teria um filho?

DAVI – Acho que teria. Não sei.

ISABEL – Ai: nessas horas é que me falta o Valente! Ai: acho que vou parar no hospício! Ai!

ROSÁRIO – Meu Deus, que tanto suspira, oh menina!

ISABEL – Se o Teco não aparecer, eu me mato!

ROSÁRIO – Não foi você mesma quem disse que ia arrumar outro?

ISABEL – Me mato! Juro que me mato!

DAVI – Então, espera, porque ele já vem vindo.

TECO

Teco entra: montado na moto.

ISABEL (Enquanto Teco continua contando até sessenta) –
E se não der certo? Casamento é fria! Sempre me disseram que

casamento é fria! Também, se não der certo, eu me separo, porra! Se não der certo, eu saio pra outra, na hora! E se eu perder esta chance, me conhecendo como eu me conheço, vai ser mais sete anos de azar! Eu tenho que resolver é now! É now! É now! **(Ele termina de contar. Pausa. Eles se olham, em pânico.)** Pelo amor de Deus, Teco! Só mais um minuto. Esse não valeu. Assim não, Teco! Assim, não! Como é que eu posso resolver minha vida inteira num minuto? **(Ele pára. Ela pára. Eles se olham, depois ele continua contando. Ele olha para ela, e depois começa a contar mais um minuto. Ela corre, sai, e volta - vestida de noiva - com um buquê de flores na mão. No que ele termina de contar, ela está montada atrás, no carona da moto. Ele dá a partida e eles vão-se embora.)**

DAVI ESPERA

Em cena continuam Davi e Rosário. Seu Guilherme continua dormindo. Silêncio.

ROSÁRIO – Você também vai ou você fica?

DAVI – Não sei... **(Ele olha para Rosário, para o botequim. Silêncio.)** Se eu for-me embora, e vocês? **(Silêncio.)** O papai, a mamãe e você?

ROSÁRIO – Mas se você ficar, você tem alguma coisa pra fazer aqui? Porque por mim não... Não sei o papai e a mamãe... Por mim, eu não ligo. **(Ela volta a seus delírios, olhando o anel. O**

botequim, com o Seu Guilherme dormindo, vai se apagando ao redor de Davi.).

DAVI – Eu tive o cálice de ouro na mão. De missas que não celebrei. A carne para comer e o sangue para beber. O pão branco, transparente, confeccionado, consumível. Eu vi, e eu acreditei, sem tocar, e houve o tempo em que eu toquei: o verbo que eu aprendi era o verbo humano, que não bastava na palavra. Nem tudo o que passava no lado de fora era o sagrado, o que era contra a minha vontade e contra a minha natureza. Minha mão teve o ouro e eu vi o ouro escorrendo entre os dedos, e não pude fazer nada, porque eu estava sozinho. Então, do silêncio nasceu um som, do som, um grito, até que as portas se abriram, e de dentro das portas nasceu o VIAJANTE. **(Grito de Rosário. A cena se ilumina, e Pedro olha para Davi. Rosário abriu as portas do Oratório e tirou de dentro a clarineta.).**

A HERANÇA

Rosário entrega a clarineta a Pedro.

PEDRO (Para Davi) – Fica com você.

DAVI – Não vai tocar mais, papai?

PEDRO – Todo o mundo vai-se embora. Então, agora é a minha vez. **(De dentro do Oratório surge a imagem de Jesus Cristo glorificado.)** A morte de Pedro Fogueteiro foi num domingo. Eles todos saíram pra ir à Procissão de ‘Corpus Christi’, e ele

ficou, com Rosário. Aí, ele tomou um banho, vestiu uma roupa nova e calçou um par de sandálias, fumou um cigarro de palha e ficou esperando. **(Os filhos voltam, vestidos para a Procissão de 'Corpus Christi', e vestem Pedro, que vai para a Eternidade. Depois, eles se retiram e Pedro fica sozinho, em cena, com Rosário. Do lado de fora, vozes distantes de crianças, sinos, incenso. Ritual.)** Sua mãe botou as toalhas na janela?

ROSÁRIO – Botou. **(Pedro coloca uma colcha de lã numa das janelas.)**.

PEDRO – Deixa tudo aberto, não é melhor?

ROSÁRIO – É melhor. **(Pausa.)** Faz tempo que o senhor não fala mais daquela clave, papai. Lembra?

PEDRO – Você lembra como era?

ROSÁRIO – Eu não entendia... mas eu achava bonito... Era... Era uma clave diferente, não era?

PEDRO – E que mais?

ROSÁRIO – Mas o senhor não acabou. O senhor acabou? **(Silêncio.)** Era a clave de Minas, não era?

PEDRO – E que mais?

ROSÁRIO – E que mais? **(Silêncio.)** Eu não entendia, papai. Eu só me lembro que era de Minas. Só isso.

PEDRO – Era só isso: Minas. **(Longo silêncio.)**.

ROSÁRIO – Me lembro que o vovô falava em inventar o avião. O senhor lembra? E o avião só precisa de piloto. Aí, veio o Santos Dumont. Depois, o tio falou que ia inventar o moto-contínuo. Agora, o senhor com a clave de Minas.

PEDRO – Você gostava?

ROSÁRIO – Eu gostava. Eu achava bonito.

PEDRO – Não tinha morte, mais. Nunca mais ia precisar da morte. Era a salvação. Continuava tudo. Não acabava nunca mais. Era a esperança que tinha vindo. **(A voz de Isabel, do lado de fora, volta a cantar ‘Viajante, Viajante’.)** Foi no dia em que ficamos noivos. Então fomos fazer um piquenique. Atravessamos a água de canoa, e aí vieram as cinco gaivotas. Aí descemos no sertão, e aí tinha sol. E o sol era do calor do ventre materno. Tinha grama, tinha vento. Aí, eu olhei para o rosto de Adélia, e nos olhos dela começava a primeira nota. Aí, ela dançou, com uma sombrinha cor-de-rosa. E eu me lembro que eu estava encostado numa rocha em forma de cálice, e a rocha era viva. A rocha respirava. E eu assistia Adélia dançando entre as flores do campo. Então, ela veio pra mim: os cabelos soltos, as mãos abertas, o rosto iluminado, a carne iluminada, e nela começava a clave que eu estava procurando. **(A Procissão de ‘Corpus Christi’ entra, com banda, flores, anjos e sinos tocando.)**

FIM